

Como o Gênero pode afetar a Informação Contábil?

VERÔNICA DE FÁTIMA SANTANA
Universidade de São Paulo

EDUARDO FLORES
Universidade de São Paulo

RAQUEL WILLE SARQUIS
Universidade de São Paulo

ALEX AUGUSTO TIMM RATHKE
Universidade de São Paulo

Como o Gênero pode afetar a Informação Contábil?

Resumo

Com o objetivo de iniciar uma discussão sobre como o gênero pode afetar a informação contábil, o presente artigo buscou identificar como o perfil comunitarista pode estar associado às contadoras responsáveis pela elaboração das demonstrações financeiras das empresas de capital aberto brasileiras e, conseqüentemente, às práticas de gerenciamento de resultado. Para tanto, o artigo buscou desenvolver algumas linhas de raciocínio que associem o gênero e o perfil comunitarista à suavização dos lucros divulgação por essas empresas. É possível que as mulheres gerenciem menos resultado devido a uma postura comunitarista por enxergar que o resultado contábil deve ser feito para atender aos acionistas e não aos seus interesses privados. Mas é possível também argumentar que as contadoras podem ser mais propensas a suavizar lucros pela preocupação com o impacto que a divulgação de resultados bruscos pode ter na economia e na sociedade. Fazendo uso de duas métricas de suavização de resultados constantes na literatura, o presente trabalho identificou que mulheres tendem a suavizar os lucros reportados ao exterior. Esses resultados são importantes porque indicam que homens e mulheres tem visões diferentes a respeito do que é e para que serve a contabilidade, sendo que isso se reflete na informação contábil que é divulgada ao mercado. De modo mais geral, esse trabalho contribui com a literatura contábil ao discutir a inserção de valores feministas nas práticas corporativas, construindo o papel da mulher no ambiente corporativo, através de evidências empíricas, mesmo que incipientes. Além disso, esse trabalho também é importante por unir questões de pesquisa que costumam estar vinculadas a paradigmas diversos.

1 Introdução

O presente artigo pretende iniciar uma discussão a respeito da relação entre a questão de gênero e a qualidade da informação contábil que é divulgada pelas empresas abertas no Brasil. A discussão permeia a questão dos perfis comunitarista e contratualista entre mulheres e como esse perfil pode impactar o gerenciamento de resultado nas demonstrações assinadas por essas contadoras.

Um pouco sobre as diferenças entre os perfis comunitarista e contratualista pode ser vista em Millon (1993), que aborda o paradigma da maximização da riqueza do acionista (*shareholder*). Para ele, o foco no acionista é fruto de uma visão contratualista, anti-regulatória e individualista. Já os comunitaristas enxergam as corporações como mais do que uma aglomeração de contratos individuais, mas também como uma instituição poderosa que têm implicações públicas substanciais. Millon (1993) ainda coloca que, mesmo dentro das fronteiras da empresa, os comunitaristas tendem a entender melhor os custos sociais.

Assim, a visão dos comunitaristas pode ser aplicada em um ambiente mais reduzido do que o abrangido por Millon (1993), o do reporte financeiro. Entende-se que a publicação dos números contábeis é capaz de afetar o mercado financeiro (Lopes, 2002) e, conseqüentemente, a economia e a sociedade. Assim, mesmo o foco no *shareholder* pode ser fruto de uma visão mais comunitarista, se o impacto da publicação de resultados contábeis (estritamente financeiros, sem qualquer conteúdo social ou ambiental) na economia e na sociedade for levado em consideração.

É papel da contabilidade financeira reunir, mensurar e reportar ao exterior informações o mais confiáveis e verídicas possível sobre o desempenho da companhia. No entanto, não é sempre isso que acontece, pois pode haver um conflito de interesses entre aqueles responsáveis pela elaboração das demonstrações financeiras e os *shareholders* (e demais interessados no desempenho da empresa). Esse conflito pode resultar em práticas de gerenciamento de resultado, onde o responsável pela elaboração das demonstrações financeiras manipula o lucro divulgado ao exterior em prol de seus interesses individuais em detrimento do dos acionistas (Leuz *et al*, 2003; Healy & Wahlen, 1999; Sunder, 1997; McNichols, 2000). O perfil comunitarista, ao se preocupar mais com a comunidade exterior à empresa pode ser responsável por menos gerenciamento de resultado e, como esse perfil é mais favorável às mulheres (Sarra, 2002), é possível que empresas cujos responsáveis pela preparação e divulgação de demonstrações financeiras sejam mulheres apresentem menos gerenciamento de resultado.

Por outro lado, é possível considerar que o perfil comunitarista esteja relacionado com mais gerenciamento de resultado. Como visto em Hines (1988), o contador tem o papel de comunicar a realidade, mas comunicar a realidade é construir a realidade. Assim, se existe a preocupação com a inserção da empresa dentro da economia e da sociedade, é possível que as mulheres manipulem mais os resultados de modo a apresentar uma situação saudável e evitar possíveis falências e distúrbios econômicos.

Para identificar a relação entre o gerenciamento de resultado e o gênero feminino (através do perfil comunitarista) foram estabelecidas duas medidas de suavização de resultados (Barth *et al*, 2008; Chen *et al*, 2010; Lang *et al*, 2006), que tentam mostrar evidências de que a variabilidade dos lucros for intencionalmente reduzida, visando algum induzir um comportamento específico no mercado.

Foi encontrado que as mulheres tendem a suavizar mais os resultados reportados ao exterior, sugerindo uma ligação entre o perfil comunitarista e o raciocínio de Hines (1988).

Ao discutir a inserção dos valores feministas nas práticas corporativas, relacionando a qualidade da informação contábil com a questão de gênero, essa pesquisa contribui para a

construção do papel da mulher no ambiente corporativo. E faz essa contribuição fazendo uso de evidências empíricas, mesmo que incipientes, uma vez que existem outras métricas para se mensurar o gerenciamento de resultado. Mas talvez a maior contribuição desse trabalho seja a união do paradigma positivista da pesquisa em contabilidade, onde costumam se encaixar estudos empíricos que explicam como a contabilidade afeta a economia, e do paradigma crítico-interpretativista, onde costumam se encaixar as discussões da relação entre gênero e contabilidade.

O artigo está organizado em seções. A próxima seção mostra o desenvolvimento das hipóteses baseando-se na literatura de governança corporativa sobre as abordagens contratualista e comunitarista, passando pela literatura sobre gênero e sobre o gerenciamento de resultado. Na seção seguinte são discutidos os resultados da avaliação empírica e suas implicações e por fim são apresentadas algumas considerações finais a respeito do trabalho.

2 Referencial Teórico e Desenvolvimento das Hipóteses

Governança é o mecanismo pelo qual as decisões de levantar e usar capital na geração eficiente de riqueza, e pelo qual os dirigentes das corporações são responsabilizados pelos investidores. A governança também inclui o relacionamento entre aqueles que tomam as decisões dentro da empresa com a comunidade na qual a empresa opera. E o debate sobre governança envolve essencialmente as abordagens comunitarista e contratualista (Sarra, 2002).

Os comunitaristas acreditam que a corporação tem responsabilidade social não somente com os *shareholder*, mas com todos os *stakeholders* (Bradley *et al*, 1999). A visão contratualista deriva da abordagem tradicional da literatura de governança corporativa que se embasa na teoria da agência e nos problemas associados com a separação entre propriedade e controle. Já a visão comunitarista vem de outra abordagem da governança corporativa, e envolve um foco mais amplo do relacionamento entre os vários *stakeholders*. Essa abordagem vê a organização como uma entidade separada com direitos e responsabilidade como qualquer pessoa natural (Durdin & Pech, 2006).

Na visão comunitarista, uma gama maior de valores sociais e políticos é considerada e a utilidade da companhia é mensurada pela assistência que ela dá à sociedade, ou seja, há um entendimento maior da comunidade através do respeito à dignidade humana e ao bem estar geral. (Daniel & Conlon, 1997).

A relação entre as visões comunitarista e contratualista e o gênero é discutido por Sarra (2002). Para a autora, existe uma necessidade de uma voz feminista dentro do discurso de governança corporativa. O capital é largamente concentrado nas mãos de homens como um resultado de um processo histórico, cultural, econômico e político quanto à habilidade feminina de manter propriedade, o valor do trabalho feminino, e o papel de cuidadora que a mulher carrega na família e na sociedade. O comunitarismo e a economia social são alternativas ao modelo contratual, e são mais propensos encaixar as mulheres no ambiente corporativo. Essas alternativas acrescentam a noção de responsabilidade social por cidadania corporativa e faz a ligação entre os aspectos de políticas públicas e leis privadas dentro da governança corporativa. O desenho de uma abordagem econômica e legal feminista à eficiência corporativa é intuitivamente atrativo. Ela toma o melhor dessas ideias e acrescentam valores às corporações. Valores feministas podem melhorar a governança. Mulheres tendem a não compartimentar suas vidas, mas sim tendem a trazer inovação e a construir relacionamentos e colaboração (Sarra, 2002).

Assim, é de se esperar que mulheres e homens tenham comportamentos distintos dentro do ambiente corporativo, e quando esse comportamento é analisado no(a) contador(a),

é possível que ele seja capaz de alterar a informação reportada nas demonstrações financeiras. É possível que, contadoras, se encaixando mais na visão comunitarista devido à sua educação histórica de cuidadora, criem informação contábil mais voltada à comunidade do que a propósitos individuais.

Esse comportamento comunitário/individual pode estar refletido nas práticas de gerenciamento de resultado. A literatura que versa sobre gerenciamento de resultados busca entender o motivo que leva à manipulação dos lucros (e dados contábeis), como isso é feito e quais são as consequências desse comportamento, principalmente quando os objetos de estudo são as demonstrações contábeis (McNichols, 2000).

Conforme Sunder (1997) é de se esperar que os responsáveis pelas demonstrações financeiras escolham e operem um sistema contábil de forma a aprimorar o seu próprio bem estar, sendo que este está associado diretamente ou indiretamente com resultados corporativos mais elevados.

Gerenciamento de resultados pode ser definido como a alteração do desempenho da empresa reportado pelos agentes internos à empresa com a finalidade tanto de induzir alguns *stakeholders* ao erro, como de influenciar os resultados dos contratos (Leuz et al, 2003; Healy & Wahlen, 1999). Leuz et al (2003) menciona que os agentes internos da empresa, em uma tentativa de proteger seus benefícios próprios (e conseqüentemente, aumentar seu bem estar), utilizam de métricas de gerenciamento de resultados para manipular a performance da empresa, escondendo dos agentes externos à empresa o real desempenho da mesma.

Os incentivos para manipular o desempenho das empresas, por meio de métricas de gerenciamento de resultados, podem ser originados, em parte, no conflito de interesses entre os agentes internos e externos à empresa. Os agentes internos podem utilizar do seu poder de controle sobre a empresa para benefício próprio à custa dos *stakeholders* (Leuz et al, 2003). Como consequência, os agentes internos possuem incentivos para esconder esses benefícios próprios dos agentes externos, levando à utilização de práticas de gerenciamento de resultados, para evitar que os agentes externos adotem medidas disciplinares contra os agentes internos (Dick & Zingales, 2002; Sheleifer & Vishny, 1997).

Leuz et al (2003) apresenta algumas situações em que os agentes internos à empresa podem ter incentivos a adotar práticas de gerenciamento de resultados. Os agentes internos podem exercer discricionariedade nas demonstrações financeiras para superestimar lucros e esconder prejuízos. Ou ainda, podem utilizar da discricionariedade para criar reservas para períodos futuros, reduzindo o lucro do período, para compensar possíveis prejuízos futuros, fazendo, portanto, o lucro reportado menos variável do que seria a verdadeira performance da empresa.

Diante desse cenário, considerando que os agentes internos possuem incentivos para adotar práticas de gerenciamento de resultados com o objetivo de maximizar seu próprio bem estar em detrimento do dos agentes externos, é possível que empresas cujos responsáveis pela elaboração das demonstrações financeiras são mulheres evidenciem resultados menos suavizados, ou seja, menos gerenciados, devido ao perfil comunitarista.

No entanto é importante a discussão de Hines (1988) acerca do papel do(a) contador(a) em comunicar a realidade da empresa ao exterior. A autora coloca que a informação contábil tem um papel fundamental na construção da realidade econômica e comenta que um conjunto aparentemente saudável de informações contábeis sobre determinada empresa pode salvar essa empresa da falência. Se a contabilidade parece boa ninguém entra em pânico e a organização consegue superar os maus momentos. Mas se a contabilidade sugere que a empresa está prestes a falir, as pessoas entram em pânico e a empresa vai, de fato, à falência - uma profecia autorrealizável. Nesse sentido, é possível entender que a contabilidade é que foi a responsável pela falência. A contabilidade cria uma

imagem da economia, e baseados nessa imagem, os agentes pensam e agem, ou seja, os resultados da empresa que são divulgados tem o poder de afetar o bem estar da economia.

No sentido do que é explicado por Hines (1988), é possível que a preocupação com o bem estar da economia induza o(a) contador(a) a gerenciar o resultado da empresa. Ou seja, a visão comunitarista pode, por esse lado, ser responsável por apresentar resultados mais suavizados, de modo a causar menos tumulto no mercado. Esse comportamento que tende a suavizar os resultados é ainda mais evidente em agentes internos avessos ao risco, sendo de se esperar certa resistência à divulgação de mudanças abruptas no resultado (Sunder, 1997), e mulheres tendem a ser mais avessas ao risco devido aos seus papéis como mães e filhas (Sarra, 2002).

3 Metodologia

O objetivo do trabalho foi identificar se o gênero é um fator capaz de influenciar o nível de gerenciamento de resultado nas empresas de capital aberto brasileiras. É possível que as empresas cujas responsáveis pela elaboração das demonstrações financeiras sejam mulheres gerenciem menos resultado devido a uma visão menos individualista. Ou é possível que essas mulheres sejam responsáveis por mais gerenciamento de resultado (suavização de lucros) devido à preocupação com a realidade que econômica que estão construindo ao divulgar os resultados contábeis, o que também seria fruto de um perfil menos individualista.

Para prover indícios sobre essas hipóteses, foi comparado o nível de gerenciamento de resultado contido nas demonstrações financeiras nos períodos de 2011 e 2012 das empresas cujo responsável é uma contadora (gênero feminino) com as empresas cujo responsável é um contador (gênero masculino).

Como *proxie* para o gerenciamento de resultado foi utilizado duas medidas de suavização de lucros, que medem a variabilidade desses números, controlando pelo ambiente econômico e pelos incentivos que a empresa têm de reportar com transparências, na tentativa de isolar o efeito do perfil do contador. Menor variância nas mudanças no lucro operacional é interpretada como evidência de suavização de resultados. Mas essas mudanças são sensíveis a uma série de fatores relacionados às características das empresas, de modo que a medida usada aqui de variabilidade nos lucros é a variância dos resíduos da regressão na Equação 1 (Lang *et al*; 2006; Barth *et al*; 2008).

$$\begin{aligned} \Delta NI_{i,t} = & \alpha_0 + \alpha_1 SIZE_{i,t} + \alpha_2 GROWTH_{i,t} + \alpha_3 EISSUE_{i,t} + \alpha_4 LEV_{i,t} + \\ & \alpha_5 DISSUE_{i,t} + \alpha_2 TURN_{i,t} + \alpha_3 CF_{i,t} + \alpha_4 AUD_{i,t} + \alpha_4 XLIST_{i,t} + \varepsilon_{i,t} \end{aligned} \quad (1)$$

Onde:

$\Delta NI_{i,t}$ = Alterações no lucro operacional;

$SIZE_{i,t}$ = Tamanho da empresa (logaritmo natural dos ativos totais);

$GROWTH$ = Variação percentual nas vendas;

$EISSUE$ = Variação percentual no capital referente a ações ordinárias;

LEV = Alavancagem (quociente entre passivos totais e ativos totais);

$DISSUE$ = Variação percentual nos passivos totais;

$TURN$ = Giro do Ativo (quociente entre vendas e ativos totais);

CF = Fluxo de caixa operacional dividido pelos ativos totais;

AUD = Variável binária, que assume valor um se a empresa é auditada por uma das

Big Four e zero caso contrário;

XLIST = Variável que indica se a empresa é listada nos Estados Unidos.

Em seguida, foi também utilizada outra medida de suavização de resultados, baseada no quociente entre a variabilidade das mudanças no lucro operacional (ΔNI) pela variabilidade nas mudanças no fluxo de caixa operacional (ΔCFO). A ideia é que se as empresas usam *accruals* para gerenciar resultados, a variabilidade das mudanças no lucro operacional deveria ser menor do que as do fluxo de caixa operacional (Barth, Landsman, & Lang, 2008). Assim, foi estimada também a Equação 2.

$$\begin{aligned} \Delta CFO_{i,t} = & \alpha_0 + \alpha_1 SIZE_{i,t} + \alpha_2 GROWTH_{i,t} + \alpha_3 EISSUE_{i,t} + \alpha_4 LEV_{i,t} + \\ & \alpha_5 DISSUE_{i,t} + \alpha_2 TURN_{i,t} + \alpha_3 CF_{i,t} + \alpha_4 AUD_{i,t} + \alpha_4 XLIST_{i,t} + \varepsilon_{i,t} \end{aligned} \quad (2)$$

Os resíduos das Equações 1 e 2 representam, então, a variabilidade das mudanças no lucro operacional e no fluxo de caixa operacional, respectivamente. Uma vez apurados esses resíduos, foi feito o teste F para comparar a variância de cada grupo de resíduos divididos entre aqueles referentes a empresas com contadoras e aqueles referentes a empresas com contadores, para identificar se há diferenças significativas de suavização de resultados que estejam relacionadas ao gênero.

As variáveis usadas nas regressões foram obtidas na base de dados Datastream da Thomson Reuters, e a identificação do gênero do(a) contador(a) foi feita através do acesso da base de dados da base para a revista Exame Maiores e Melhores. As estimações foram feitas no software R (R Core Team, 2013).

4 Resultados e Discussão

Foram coletadas informações das empresas negociadas na BM&FBovespa para os anos de 2010 e 2011, totalizando 224 observações. Desse total, 54 observações se referem a empresas com contadoras, 24% da amostra, e 170 são de empresas com contadores do gênero masculino.

As Equações 1 e 2 foram estimadas através da técnica de regressão linear e o teste F foi usado para identificar se as variâncias dos resíduos dessas regressões são diferentes entre o grupo de empresas com contadoras e o grupo de empresas com contadores.

A primeira métrica, que mede a variabilidade das mudanças no lucro operacional não apresentou diferenças significativas (p-valor do teste F: 0,3194) entre os grupos divididos por gênero. Mas a segunda métrica sim (p-valor do teste F: 0,000), indicando que as mulheres fazem uso de *accruals* para suavizar os resultados reportados.

Os resultados mostram evidências de que as mulheres, no papel de contadora que assina as demonstrações financeiras das companhias abertas brasileiras gerenciam resultado mais do que os homens no sentido de suavizar os lucros reportados ao mercado.

Esse resultado sugere que a visão de Hines (1998) pode se aplicar a questão de gênero dentro da contabilidade para usuários externos. Quando se acredita que a realidade é construída e que o(a) contador(a), ao informar ao mercado a situação econômica e financeira ele(a) está na realidade construindo a realidade econômica e financeira não só da empresa, mas do ambiente como um todo. Ou seja, a contadora pode estar preocupada com os possíveis impactos negativos (desde dificuldades financeiras, falências até crises) que a divulgação de resultados abruptos pode gerar no mercado e, conseqüentemente, na economia e na sociedade, condizente com um perfil comunitarista.

Esse resultado é apenas preliminar na questão da discussão de gênero dentro da questão da informação contábil para o mercado. Primeiramente, outras métricas de

gerenciamento de resultado, e outras *proxies* para se medir a qualidade da informação contábil podem ser usadas para relacionar a questão de gênero com a informação contábil. E cada uma delas pode estar associada a um comportamento específico das mulheres dentro do ambiente corporativo e, mais especificamente, dentro da contabilidade. E cada um desses comportamentos está relacionado com a forma como homens e mulheres enxergam a contabilidade, para que e para quem ela serve.

5 Considerações Finais.

O presente trabalho buscou investigar se existe uma relação entre a questão de gênero e a informação contábil e como essa questão pode ser explorada. Aqui, foi usada uma métrica de gerenciamento de resultado, mais especificamente, uma métrica que mede o suavizamento do lucro reportado na Demonstração do Resultado do Exercício.

Os resultados sugerem que mulheres, como contadoras, tendem a usar a discricionariedade para suavizar os lucros das empresas, o que pode estar condizente com um perfil comunitarista dessas mulheres, onde elas estariam preocupadas com possíveis impactos negativos de resultados bruscos no mercado.

Essa questão ainda tem muito a ser explorada, tanto em termos quantitativos (mais empresas, mais períodos, outras métricas), quanto em termos qualitativos, ou seja, buscar entender melhor como as mulheres e homens enxergam a contabilidade e como essa visão diferente impacta na produção da informação contábil.

Bibliografia

- Barth, M. E., Landsman, E. R., & Lang, M. H. (2008). International Accounting Standards and Accounting Quality. *Journal of Accounting Research*, 46(3), pp. 467-498.
- Bradley, M., Schipani, C. A., Sundaram, A. K., & Walsh, J. P. (1999). The purposes and accountability of the corporation in contemporary society: corporate governance at a crossroads. *Law and Contemporary Problems*, 62(3), pp. 10-86.
- Chen, H., Tang, Q., Jiang, Y., & Lin, Z. (2010). The Role of International Financial Reporting Standards in Accounting Quality: Evidence from the European Union. *Journal of International Financial Management and Accounting*, 21(3), pp. 220-278.
- Daniel, S., & Conlon, D. (1997). Crisis and Transition in Corporate Governance Paradigms: The Role of the Chancery Court of Delaware. *Law and Society Review*.
- Dick, A., & Zingales, L. (2002). Private benefits of control: an international comparison. *Unpublished NBER working paper*, 8711.
- Durden, C., & Pech, R. (2006). The increasing cost of corporate governance: decision speed-bumps for managers. *Corporate Governance*, 6(1), pp. 84-95.
- Healy, P., & Wahlen, J. (1999). A review of the earnings management literature and its implications for standard setting. *Accounting Horizons*, 13, pp. 365-383.

- Hines, R. (1988). Financial Accounting: in Communicating Reality, We Construct Reality. *Accounting, Organizations and Society*, 13(3), pp. 251-261.
- Lang, M. J., Raedy, J., & Wilson, W. (2006). Earnings Management and Cross Listing: Are Reconciled Earnings Comparable to US Earnings? *Journal of Accounting and Economics*, 42, pp. 255–283.
- Leuz, C., Nanda, D., & Wysocki, P. D. (2003). Earnings management and investor protection: an international comparison. *Journal of Financial Economics*, 69, pp. 505-527.
- Lopes, A. B. (2002). *A Informação Contábil e o Mercado de Capitais*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- McNichols, M. F. (2000). Research design issues in earnings management studies. *Journal of Accounting and Public Policy*, 19, pp. 313-345.
- Millon, D. (1993). Communitarians, contractarians, and the crisis in corporate law. *Law Review*, 50(4), pp. 1373-1393.
- Paananen, M. (2008). The IFRS Adoption's Effect on Accounting Quality in Sweden. *Working Paper, University of Hertfordshire*.
- R Core Team. (2013). R: A Language and Environment for Statistical Computing. Vienna, Áustria: R Foundation for Statistical Computing.
- Sarra, J. (2002). The Gender Implications of Corporate Governance Change. *Seattle Journal for Social Justice*, 1(2), pp. 457-502.
- Sheleifer, A., & Vishny, R. (1997). A survey of corporate governance. *Journal of Finance*, 52, pp. 737-783.
- Sunder, S. (1997). *The Theory of Accounting and Control*. Ohio: International Thomson Publishing.
- Van Tendeloo, B., & Vanstraelen, A. (2005). Earnings management under German GAAP versus IFRS. *European Accounting Review*, 14(1), pp. 155 – 180.